



Estresse entre equipes multiprofissionais que atuam na linha de frente da pandemia da COVID-19

Stress among multidisciplinary teams working on the front lines of the COVID-19 pandemic

Andreia Redante
Neirisleia Francisconi Del Mouro

RESUMO

Objetivo: Durante o período pandêmico, profissionais da saúde atuaram na linha de frente ao cuidado dos infectados com Covid-19, fato este que causou impactos em seus níveis de estresse. **Método:** Este estudo visou analisar como os profissionais de um hospital se sentem em relação ao estresse. **Resultados:** Com a aplicação de um questionário, com amostra de 145 respondentes, percebeu-se que houve aumento na utilização de medicações tranquilizantes para dormir, traços de esgotamento, piora na saúde e no sentimento de felicidade.

Palavras-chaves: COVID-19; Estresse; Pandemia; Profissionais da saúde.

ABSTRACT

Objective: During the pandemic period, healthcare professionals worked on the frontline caring for those infected with Covid-19, a fact that caused impacts on their stress levels. **Method:** This study aimed to analyze how the professionals in a hospital feel about stress. **Results:** With the application of a questionnaire, with a sample of 145 respondents, it was noticed that there was an increase in the use of tranquilizing medications for sleep, signs of exhaustion, deterioration in health, and in the feeling of happiness.

Keywords: COVID-19; Stress; Pandemic; Healthcare professionals

Licença

Recebido: 10/07/2023
Aceito: 10/12/2023
Publicado: 28/03/2024

Copyright (c) 2024 Revista
Eletrônica Polidisciplinar Voos

Este trabalho está licenciado
sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID-19 surgiu no final de 2019, trazendo diversas mudanças na vida das pessoas, na rotina, isolamento e distanciamento social, porém os profissionais da saúde passaram a ser considerados linha de frente no período pandêmico. Os profissionais da saúde de diversas áreas precisaram sair de suas casas todos os dias para trabalhar e prestar assistência aos pacientes. Diante disso, percebe-se um grande desgaste destes profissionais, chegando até mesmo à exaustão devido à sobrecarga de trabalho, equipes reduzidas e duplas jornadas de trabalho.

Através desta pesquisa busca-se analisar como os profissionais que atuam em um hospital do interior do Paraná se sentem em relação ao estresse gerado durante o período da pandemia Covid-19.

Os estudos sobre o estresse ocupacional permitem compreender melhor os fatores causadores, bem como, suas características, podendo desta forma, oferecer ações que auxiliem a organizar o trabalho a fim de minimizar os efeitos negativos das doenças ocupacionais e promover o bem-estar geral dos trabalhadores.

O estudo busca contribuir para a discussão sobre o tema e revelar as experiências empíricas apresentadas, não com intuito de generalizar os resultados, mas sim, conhecer um pouco mais deste assunto, podendo também auxiliar os gestores em suas práticas de gestão de pessoas.

Referencial teórico

Segundo Souza (2020) o Covid-19 trouxe grande impacto na vida de todos, tendo em vista a grande velocidade pela qual se disseminou. Lima (2020) explana que o Coronavírus é um vírus que causa infecções respiratórias, sendo que este foi isolado pela primeira vez em 1937 e descrito em 1965 como tal. O quadro clínico pode variar de um simples resfriado até uma grave pneumonia, sendo inicialmente caracterizada como uma síndrome gripal. O diagnóstico é realizado através de coleta de materiais respiratórios para identificação do vírus.

Em dezembro de 2019, foram registrados os primeiros casos de uma "pneumonia de causa desconhecida" em um Hospital da China, mais precisamente em Wuhan, sendo a principal característica em comum dos pacientes serem frequentadores de um mercado de animais da

Redante e Del Mouro (2024), Estresse na Linha de Frente da COVID-19.

cidade. Dias depois foi confirmado se tratar de um novo tipo de vírus, o qual recebeu o nome de SARS-CoV-2. Em janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) já admitia que o risco de uma epidemia no mundo era alto. Já, em 26 de fevereiro de 2020, o primeiro caso de Coronavírus é confirmado no Brasil, em 11 de março de 2020 a OMS declara a Pandemia de Coronavírus no mundo (BRASIL, 2021).

Em abril, alguns estados já tinham taxas de 100% de ocupação de leitos em UTI. Em junho o Brasil se torna o segundo país com mais mortes no mundo, decorrentes da Covid-19. Em janeiro de 2021, a Anvisa concedeu autorização para uso emergencial de duas vacinas, sendo que, no mesmo mês iniciou-se a vacinação por todo o país. Em março, o Brasil viveu o maior colapso hospitalar de sua história, com taxas iguais ou acima de 80% de ocupação de leitos de UTI no Sistema Único de Saúde (SUS). Em abril de 2021, o Brasil bateu novo recorde de mortes por Covid-19, chegando a mais de 4 mil mortes diárias (SANAR MED). Após 15 meses em que a pandemia chegou ao Brasil, foram contabilizados 16.907.425 casos de Covid-19 e 472.531 mortes (BRASIL, 2021).

Segundo Sousa Junior *et al.* (2020), diante de todos os acontecimentos dos últimos meses, os profissionais de saúde que se encontravam na linha de frente da Covid-19, passaram a enfrentar situações novas repentinamente, as quais afetaram toda a dinâmica de seu trabalho, como a falta de Equipamentos de Proteção Individual (EPI), a falta de leitos e de equipamentos, a falta de conhecimento sobre o novo vírus, a complexidade dos pacientes, além do elevado número de óbitos. Estes profissionais que atuavam em diversas áreas de hospitais, foram expostos à contaminação pelo vírus, a trabalho excessivo, desgaste e estresse físico e mental.

Para Camelo *et al.* (2004), o termo “*stress*” foi utilizado pela primeira vez pelo médico endocrinologista Hans Selye, em seus estudos ele observou que um grande número de pessoas queixavam-se de sintomas comuns, tais como, comportamentos de autoproteção e adaptação frente ao fato causador de estresse. Diante de tais estudos, Selye definiu o estresse como sendo “o resultado inespecífico de qualquer demanda sobre o corpo, seja de efeito mental ou somático e estressor, todo agente ou demanda que evoca reação de estresse, seja de natureza física, mental ou emocional” (CAMELO *et al.*, 2004, p. 15).

O estresse no ambiente do trabalho pode ser entendido como um “conjunto de perturbações psicológicas ou sofrimento psíquico, associado às experiências de trabalho, desencadeando o

Redante e Del Mouro (2024), Estresse na Linha de Frente da COVID-19.

chamado estresse ocupacional” (SILVA, 2010, p. 5). Para Pereira *et al.* (2010), as tensões enfrentadas no dia a dia são grandes contribuintes para que surjam cada vez mais quadros de estresse.

Os autores Pereira *et al.* (2010), afirmam que nos últimos anos o estresse está tomando uma grande proporção afetando a sociedade de maneira geral, mas essa condição pode ser evitada ou reduzida por meio de ações no ambiente ocupacional.

Silva (2010, p. 5) faz menção das principais síndromes e doenças associadas e/ou provocadas pelo estresse ocupacional:

[...] pode-se entender como as principais síndromes e doenças associadas e/ ou provocadas pelo estresse ocupacional, as somatizações, fadiga, distúrbios do sono, depressão, síndrome do pânico, síndrome de Burnout, síndrome residual pós-traumática, quadros neuróticos pós-traumáticos, síndromes paranóides, além de alguns distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT) ou lesões por esforços repetitivos (LER), transtornos psicossomáticos, síndromes de insensibilidade, alcoolismo, uso de outras drogas ilícitas e outros.

Weide *et al.* (2020) apontam que, passar por uma situação como a de pandemia, a qual é vivenciada nos dias atuais, faz com que as pessoas passem a sentir medo, angústia, irritação e solidão. Vários fatores contribuem para que haja um grande desconforto emocional, entre eles estão “o excesso de notícias sobre a pandemia, a mudança de rotina, o distanciamento físico, e as consequências econômicas, sociais e políticas” (WEIDE *et al.*, 2020, p. 2), sendo que diante disso, os indivíduos passam a se sentir ainda mais sobrecarregados.

Os autores Felix *et al.* (2017) afirmam que o ambiente hospitalar possui algumas particularidades, visto que é uma organização voltada para a saúde, na qual sua equipe está frequentemente enfrentando situações causadoras de estresse, seja por urgência no acolhimento, ou pela carência de recursos na prestação de amparo aos pacientes. O ambiente hospitalar é considerado pelos autores como:

[...] um ambiente que leva o trabalhador ao contato com dor e sofrimento, pacientes hostis, limitações relativas aos insumos e equipamentos indispensáveis, além das várias horas da semana dedicadas ao trabalho, fatores estes que contribuem para o aumento do estresse (do inglês, stress) nos trabalhadores (FELIX *et al.*, 2017, p. 531).

Redante e Del Mouro (2024), Estresse na Linha de Frente da COVID-19.

Segundo Gomes *et al.* (2017), pessoas satisfeitas com seu trabalho tendem a conseguir manter qualidade de vida tanto em seu trabalho, como na vida pessoal, estes estão propícios a ter um baixo nível de estresse, evitando problemas de saúde físicos e psicológicos. Para os autores, o trabalho pode ser considerado um dos principais fatores causadores de estresse, visto que, este interfere no equilíbrio do organismo humano por consequência das tensões enfrentadas no dia a dia.

Os autores supracitados expõem que enfrentar situações estressantes de longa duração pode trazer consequências mais intensas, como desgastes progressivos chegando ao esgotamento profissional. Diante disso, é perceptível que há um comprometimento no desenvolvimento das atividades desse trabalhador, não somente no âmbito laboral, como para a vida pessoal deste.

Gomes *et al.* (2017, p. 213) apontam que:

[...] os estressores podem ser fatores intrínsecos ao trabalho, os quais se referem a aspectos como repetição de tarefas, pressões de tempo e sobrecarga. Dentre eles, a sobrecarga de trabalho tem recebido considerável atenção dos pesquisadores. Este estressor pode ser dividido em dois níveis: quantitativo e qualitativo. A sobrecarga quantitativa diz respeito ao número excessivo de tarefas a serem realizadas; isto é, a quantidade de tarefas encontra-se além da disponibilidade do trabalhador. A sobrecarga qualitativa refere-se à dificuldade do trabalho, ou seja, o indivíduo depara-se com demandas que estão além de suas habilidades ou aptidões.

Segundo Silva (2010), a partir do momento que há a compreensão do estresse e do seu ciclo, pode-se ajudar o indivíduo a lidar com essa situação, visto que é impossível viver no mundo sem passar por situações geradoras de estresse. Estes estressores podem ser qualquer necessidade de adaptação interna ou social, que faz com que o indivíduo necessite ajustar seu comportamento frequentemente. Quando o estímulo chega, seu organismo manifesta uma resposta, seja um planejamento de fuga ou uma forma de enfrentar tal situação. Diante disso, Pereira *et al.* (2010) apontam que, ao tentar evitar o gasto de energia numa situação de estresse, o indivíduo acaba causando uma ruptura do seu equilíbrio físico e mental.

Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa pode ser classificada como descritiva e exploratória, de caráter quantitativo. A pesquisa descritiva “visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (SILVA *et al.*, 2001, p. 21) e de acordo

Redante e Del Mouro (2024), Estresse na Linha de Frente da COVID-19.

com Franco (2013, p. 3) a pesquisa exploratória tem por objetivo “proporcionar familiaridade com o campo de estudo”.

Do ponto de vista da forma de abordagem do problema a pesquisa quantitativa, “tenta fazer uma mensuração precisa de algo. Na pesquisa em administração, metodologias quantitativas normalmente medem comportamento, conhecimento, opiniões ou atitudes do consumidor” (COOPER; SCHINDLER, 2011, p. 166).

A pesquisa foi realizada em um hospital na região central do Paraná, o qual é referência nas altas complexidades de Cardiologia, Oncologia, Neurologia e Gestação de Alto risco. A Instituição foi considerada linha de frente no combate à COVID-19 e atende pacientes particulares e convênios médicos.

O projeto foi aprovado pelo Comit  de  tica em Pesquisa da Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO (parecer consubstanciado n  5.068.899).

Como instrumento de coleta de dados foi formulado um questionário estruturado com 16 questões fechadas, sendo a primeira parte composta por perguntas sociodemográficas, que serviram para a caracterização da amostra. Já, a segunda parte compreendeu questões relativas à fatores estressores no ambiente organizacional. Os questionários foram disponibilizados inteiramente por meio digital, pela plataforma *Google Forms*, no mês de outubro de 2021. O *link* do questionário foi divulgado eletronicamente por meios internos de comunicação da instituição estudada.

O universo da pesquisa é composto por 670 colaboradores celetistas, que trabalham em diferentes setores da instituição, divididos entre áreas administrativas, atendimento, hotelaria, enfermagem, suprimentos e manutenção. A amostra correspondeu a 145 voluntários respondentes, representando 21,64% do universo.

Os dados foram coletados, tabulados em planilha do *Excel* e posteriormente analisados por meio de c culos estatísticos.

Apresenta o e análise dos dados

A seguir, serão descritos os resultados da pesquisa, iniciando-se pela apresentação dos dados referentes ao perfil dos pesquisados, que compreende questões sobre sexo, idade, escolaridade, estado civil e filiação.

Tabela 1. Distribuição dos trabalhadores de acordo com o perfil

Variável	Escala	Nº	%
sexo	Feminino	126	86,9
	Masculino	19	13,1
Idade	18 a 24 anos	15	10,3
	25 a 31 anos	51	35,2
	32 a 38 anos	41	28,3
	39 a 45 anos	21	14,5
	acima de 45 anos	17	11,7
Escolaridade	Fundamental completo	3	2,1
	Médio completo	27	18,6
	Técnico completo	32	22,1
	Superior incompleto	13	9
	Superior completo	25	17,2
	Pós-graduação	45	31
Estado civil	Casado(a)	66	45,5
	Separado(a)	9	6,2
	Solteiro(a)	54	37,2
	União estável	12	8,3
	Viúvo(a)	2	1,4
	Outro	2	1,4
Tem filhos	Sim	93	64,1
	Não	52	35,9

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa de campo (2021)

De acordo com a pesquisa, 126 dos respondentes (86,9%) são mulheres e 19 respondentes (13,1%) são homens. Quanto à idade, os resultados demonstram que a maioria dos profissionais respondentes é considerado de meia-idade, entre 25 e 45 anos, pois essa faixa etária correspondeu a 113 profissionais que participaram da pesquisa (78%), 17 profissionais possuem mais de 45 anos (11,7%) e somente 15 pessoas afirmaram ter abaixo de 25 anos, 10,3% dos respondentes.

Tratando-se da escolaridade, 30 respondentes (20,7%) têm o Ensino Médio completo, 32 respondentes (22,1%) possuem curso técnico, 38 respondentes (26,2%) estão cursando ou já possuem graduação completa e 45 pessoas, representando aproximadamente um terço dos respondentes (31%) afirmam ter Pós-graduação.

Redante e Del Mouro (2024), Estresse na Linha de Frente da COVID-19.

Em relação ao estado civil, 66 respondentes (45,5%) são casados, 54 respondentes (37,2%) são solteiros, 12 (8,3%) têm união estável, 9 (6,2%) são separados, 2 (1,4%) são viúvos e 2 (1,4%) responderam ter outro tipo de estado civil. Do total de respondentes, 93 (64,1%) têm filhos e 52 (35,9%) não têm nenhum filho.

A seguir, serão apresentados os dados obtidos referente ao perfil do profissional quanto ao tempo de contratação, função, setor e jornada de trabalho.

Tabela 2. Perfil profissional dos respondentes

Variável	Escala	Nº	%
Tempo de trabalho na empresa	Menos de 1 anos	29	20
	1 a 5 anos	74	51
	6 a 10 anos	23	15,9
	Mais de 10 anos	19	13,1
Função por você exercida	Analista Contábil	1	0,7
	Assistente Administrativo	3	2,1
	Assistente de Contabilidade	1	0,7
	Assistente de Faturamento	2	1,4
	Assistente de Recursos Humanos	1	0,7
	Assistente Financeiro	1	0,7
	Assistente Social	2	1,4
	Auxiliar Administrativo	2	1,4
	Auxiliar de Enfermagem	1	0,7
	Auxiliar de Farmácia	5	3,4
	Auxiliar de Faturamento	4	2,8
	Auxiliar de Lavanderia	1	0,7
	Auxiliar de Serviços Gerais	4	2,8
	Biomédico	1	0,7
	Concierge	1	0,7
	Consultor de Vendas	2	1,4
	Contador	2	1,4
	Copeira	2	1,4
	Diretor Administrativo	1	0,7
	Enfermeiro	27	18,6
	Engenheiro	2	1,4
	Escriturária	2	1,4
Estagiário	2	1,4	
Farmacêutico	4	2,8	
Gerente	4	2,8	

Redante e Del Mouro (2024), Estresse na Linha de Frente da COVID-19.

	Nutricionista	4	2,8
	Psicólogo Social	2	1,4
	Recepcionista	9	6,2
	Supervisor	15	10,3
	Técnico de Enfermagem	34	23,4
	Técnico em Radiologia	2	1,4
	Técnico em Segurança no Trabalho	1	0,7
	<hr/>		
	SUPRIMENTOS (Agência Transfusional, Laboratório de Análises Clínicas, Farmácia, Almoxarifado)	15	10,3
	ENFERMAGEM (Central de Materiais e Esterilização, Clínica de Oncologia, Clínica de Neurologia e Tratamento Gerais, Centro Cirúrgico, APTOS A/B, Isolamento, Maternidade, Núcleo de Segurança do Paciente, Pediatria, Pronto Socorro, UTI A/B, UTI Neonatal, SCIH)	57	39,9
	ATENDIMENTO (Ambulatório SAS, SUS, CDI, Internamento, Central Telefônica)	15	10,3
Setor de trabalho	HOTELARIA (Lactário, Lavanderia, Nutrição Clínica, Ouvidoria, Resíduo Hospitalar, NIR, Copa e Cozinha, Banco de Leite, Psicossocial, Costura)	17	11,7
	MANUTENÇÃO (Obras, Equipamentos, Caldeira)	3	2,1
	FATURAMENTO (Auditoria de Prontuários, Faturamento – SUS e Convênios)	13	9
	GESTÃO DE PESSOAS (Recursos Humanos, Treinamento & Desenvolvimento, Departamento Pessoal, Assessoria da Qualidade, SESMT)	7	4,8
	ADMINISTRATIVO (Tesouraria, NTI, Captação de Recursos, Financeiro, Arquivo, Provedoria, Contabilidade, Ambulatório de Especialidades, Plano de Saúde)	18	12,4
	<hr/>		
Jornada de trabalho	De 6 a 8:30 horas diárias	98	67,6
diária	De 8:30 a 12 horas diárias	15	10,4

Redante e Del Mouro (2024), Estresse na Linha de Frente da COVID-19.

De 12 a 18 horas diárias	10	6,9
Trabalho escala 12x36 em dois trabalhos	22	15,2

Fonte: Elaborado pelas autoras com dados da pesquisa de campo (2021)

Em relação ao tempo de trabalho na instituição, 29 respondentes (20%) atuam em um período menor de 1 ano. A maioria (74 profissionais – 51%) atua entre 1 a 5 anos e 42 profissionais (29%) atuam há mais de 5 anos.

Outro dado identificado na pesquisa foi que 62 profissionais (42,7%) atuam na área de enfermagem (auxiliar de enfermagem, técnico de enfermagem e enfermeiro), destes, 58 respondentes (93,54%) eram mulheres, desta forma, este dado corrobora com os estudos de Vieira *et al.* (2022) que afirmam que trabalhos voltados ao cuidado, como o da área de enfermagem, historicamente são ocupados por mulheres.

Em relação à jornada de trabalho, 98 respondentes (67,6%) afirmaram trabalhar até 8h30min diárias, 15 respondentes (10,4%), possuem uma carga horária entre 8h30min a 12h diárias e 32 profissionais (22,1%) relataram trabalhar mais de 12 horas diárias, chegando a cumprir uma jornada de 18 horas ou até mesmo 24 horas seguidas, jornada esta cumprida em empresas diferentes.

No que concerne ao uso de medicação por parte dos colaboradores, serão apresentados os dados a seguir.

Tabela 3. Uso de medicações

Variável	Escala	Nº	%
Uso de remédio tranquilizante “calmante” ou “remédio para dormir”	Sim	39	26,9
	Não	106	73,1

Fonte: Elaborado pelas autoras com dados da pesquisa de campo (2021)

Em relação ao uso de medicamentos tranquilizantes ou remédios para dormir, 39 profissionais, representando quase 30% da amostra, responderam que precisaram fazer uso após o início da pandemia e 106 (73,1%) responderam que não. Segundo Nascimento *et al.* (2021), os trabalhadores passaram a ter diversos transtornos mentais, como Síndrome de *Burnout*, que geralmente é consequência da insatisfação com o trabalho, causando o adoecimento psicossomático deste profissional. Outro transtorno é a ansiedade, na qual a pessoa sofre pelos acontecimentos futuros, tendo medo, pensamentos negativos, apreensão e desconforto, podendo

Redante e Del Mouro (2024), Estresse na Linha de Frente da COVID-19.

muitas vezes o corpo somatizar. Os autores ainda citam que outros profissionais podem sofrer de depressão, que causa alterações de humor e cognição, na qual a pessoa passa a se sentir triste, não querendo experimentar determinadas situações e ser apática.

As condições inadequadas de trabalho, impostas pela pandemia da COVID-19, aumentam os riscos de adoecimento mental que culminam em uma situação de disfunção física e psicológica dos profissionais de saúde, gerando sentimento de impotência e insegurança no processo do exercício da profissão. (NASCIMENTO *et al.*, 2021, p. 13).

Na próxima tabela serão apresentados os resultados no que tange ao grau de medo sentido pelos sujeitos no período da pandemia.

Tabela 4. Medo da pandemia

Variável	Escala	Nº	%
Medo de trabalhar na linha de frente no período pandêmico	Muito alto	17	11,7
	Alto	38	26,2
	Moderado	56	38,6
	Baixo	24	16,6
	Muito baixo	10	6,9

Fonte: Elaborado pelas autoras com dados da pesquisa de campo (2021)

Em relação ao medo de trabalhar na linha de frente da pandemia do Covid-19, 55 respondentes (37,9%) relataram ter um grau de medo alto a muito alto, 56 profissionais (38,6%) relataram ter grau moderado de medo e 34 respondentes (23,5%) relataram ter grau baixo ou muito baixo de medo de trabalhar na linha de frente durante o período pandêmico.

Moreira *et al.* (2020), apontam que os profissionais de saúde trabalham diretamente com elementos estressores e durante a pandemia surgiram diversas condições inadequadas de trabalho, como “carga excessiva de trabalho, quantidade reduzida de equipamentos de proteção individual e falta de habilidades específicas” (MOREIRA *et al.*, 2020, p. 10). Tais condições contribuíram para que os profissionais da área de saúde passassem a ter impactos na saúde mental. Horta *et al* (2022), relatam que o grande medo dos profissionais de saúde era de contaminar outras pessoas, seja seus familiares ou outras pessoas do seu convívio e até mesmo pacientes que estivessem em outras alas do hospital.

Redante e Del Mouro (2024), Estresse na Linha de Frente da COVID-19.

No que tange à proteção sentida com o uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) ofertados pela instituição, foram obtidas as seguintes respostas.

Tabela 5. Uso de Equipamentos de Proteção Individual

Variável	Escala	Nº	%
Proteção dos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs)	Sim	126	86,9
	Não	19	13,1

Fonte: Elaborado pelas autoras com dados da pesquisa de campo (2021)

Em relação ao uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), os quais devem ser fornecidos pela instituição de saúde, 126 respondentes (86,9%) disseram se sentir protegidos pelos equipamentos fornecidos pelo hospital no qual estavam atuando. Vedovato *et al.* (2021), explanam que esses equipamentos dizem respeito às máscaras, protetores faciais e aventais, entre outros. São determinados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e devem ser distribuídos de forma gratuita aos trabalhadores. Durante o período mais severo da pandemia, observou-se a grande falta de EPIs e produtos hospitalares, como álcool e toalhas de papel.

Ainda, segundo Vedovato *et al.* (2021) os profissionais podem se contaminar no momento de desparamentação, qualquer descuido neste momento pode agravar o contágio do Covid-19, sendo importante o trabalho de treinamento dos profissionais para esse momento. Os autores citam que em nota técnica emitida pela Anvisa, alguns EPIs poderiam ser usados por um tempo mais prolongado do que o recomendado pelo fabricante, isso pode justificar o posicionamento de 19 profissionais (13,1%) que não se sentiam protegidos, mesmo com o uso dos EPIs.

Ao serem questionados sobre a capacidade de trabalho em relação às exigências mentais durante o período pandêmico, foram obtidas as seguintes respostas.

Tabela 6. Capacidade de trabalho

Variável	Escala	Nº	%
Capacidade atual para o trabalho em relação às exigências mentais	Muito boa	26	17,9
	Boa	75	51,7
	Moderado	35	24,1
	Baixo	7	4,8
	Muito baixo	2	1,4

Redante e Del Mouro (2024), Estresse na Linha de Frente da COVID-19.

Fonte: Elaborado pelas autoras com dados da pesquisa de campo (2021)

Quando pesquisados sobre como os profissionais se sentiram sob o aspecto da capacidade para o trabalho em relação às exigências mentais do seu trabalho, após o início da pandemia, 75 respondentes (51,7%) se posicionaram possuir boa capacidade, 35 respondentes (24,1%) apontaram ter capacidade moderada, 26 profissionais (17,9%) se classificam com capacidade muito boa e 9 profissionais (6,2%) se consideram com baixa capacidade.

Neste sentido, o cenário da pandemia, trouxe novos desafios para todos, porém, os profissionais da saúde precisaram enfrentar esses desafios mais de perto, estando ao lado do paciente antes mesmo que houvesse conhecimento sobre o Covid-19 (MOREIRA *et al.*, 2020, DANTAS, 2021, VIEIRA *et al.*, 2022). Isto causou a estes profissionais adoecimento mental, seja por medo do desconhecido, por medo de se contaminar e contaminar seus familiares, exaustão emocional, despersonalização e redução realização pessoal no trabalho.

Quanto aos profissionais se sentirem cansados e esgotados durante o período pandêmico, foram apresentadas as seguintes respostas.

Tabela 7. Cansaço

Variável	Escala	Nº	%
Sentindo-se cansado/esgotado	Sempre	19	13,1
	Quase sempre	49	33,8
	Às vezes	68	46,9
	Raramente	8	5,5
	Nunca	1	0,7

Fonte: Elaborado pelas autoras com dados da pesquisa de campo (2021)

Em relação ao esgotamento e cansaço, 68 profissionais (46,9%) afirmaram se sentir quase sempre ou sempre esgotados e a mesma quantidade de respondentes, 68 profissionais (46,9%) relataram que às vezes se sentiam esgotados e somente 9 profissionais (6,2%) afirmaram que raramente e nunca se sentiam esgotados e cansados. De acordo com Vieira *et al.* (2022) os profissionais que atuaram com pacientes com resultado positivos para Covid-19, desenvolveram com maior frequência sintomas de patologias como ansiedade, sintomas depressivos, angústias e perdas na qualidade de sono. Os autores ainda citam que o excesso de notícias sobre o cenário pandêmico também foi um fator que está associado à piora da saúde mental da população.

No que se refere à classificação da saúde em geral dos profissionais respondentes, foram obtidos os seguintes dados.

Tabela 8. Saúde geral

Variável	Escala	Nº	%
Classificação da saúde em geral	Muito melhor agora do que há um ano atrás	12	8,3
	Um pouco melhor agora do que há um ano atrás	29	20
	Quase a mesma de um ano atrás	58	40
	Um pouco pior agora do que um ano atrás	39	26,9
	Muito pior agora do que há um ano atrás	7	4,8

Fonte: Elaborado pelas autoras com dados da pesquisa de campo (2021)

Quanto à saúde geral, 58 respondentes (40%) relataram sentir quase a mesma coisa do início do período pandêmico, já, 46 entrevistados (31,7%) afirmaram se sentir um pouco pior ou muito pior no momento da pesquisa se comparado a um ano atrás. Segundo Horta *et al.* (2022), os profissionais de saúde passaram a enfrentar situações estressantes, como conflitos no trabalho, a falta de preparo para enfrentar essa nova situação, o enfrentamento da morte, a falta de capacidade de saber como lidar com a pressão e as demandas do trabalho. “Quando exagerado, o estresse resulta na insatisfação de quem trabalha, no comprometimento de suas atividades e, eventualmente, em manifestações psicopatológicas diversas” (HORTA *et al.*, 2022, p. 6). Já, 41 respondentes (28,3%) se sentem um pouco melhor ou muito melhor agora do que há um ano atrás. Os autores afirmam que esses agentes estressores afetam cada profissional de uma determinada maneira, cada um lida de forma diferente com as situações que enfrentam.

No que tange ao sentimento de felicidade durante o período pandêmico, foram obtidos os seguintes resultados.

Tabela 9. Sentimento de felicidade

Variável	Escala	Nº	%
Você tem se sentido uma pessoa feliz	Sempre	6	4,1
	Quase sempre	51	35,2
	Às vezes	67	46,2
	Raramente	21	14,5

Fonte: Elaborado pelas autoras com dados da pesquisa de campo (2021)

Redante e Del Mouro (2024), Estresse na Linha de Frente da COVID-19.

Em relação há quanto tempo os profissionais se sentiram felizes no período da pandemia, 88 profissionais (60,7%) responderam que se sentiram felizes às vezes ou raramente e 57 respondentes (39,3%) afirmaram que sempre ou quase sempre se sentiram felizes.

De acordo com Farah *et al.* (2021) a felicidade é uma construção, com envolvimento de inúmeros elementos como comportamentos, fatores psicológicos e sociais. Felicidade é algo subjetivo e cada um tem seu próprio conceito de felicidade, sendo resultados das potencialidades que estão dentro de cada ser humano, para os autores ela é fruto do empenho de cada um e o sentido que se confere à vida.

Diante disso Dantas (2021) aponta que, durante a pandemia os profissionais da saúde que atuaram como linha de frente, passaram a lidar com fatores que causaram grandes impactos na saúde mental, como exaustão emocional, medo, sobrecarga de trabalho, desmotivação entre outros fatores, o que trouxe mudanças na vida de todos, impactando em todos as esferas.

Considerações finais

O estudo foi realizado durante a pandemia revelando como os profissionais se sentiram durante este período, a aplicação do questionário se deu em um período em que o número de casos de COVID-19 estava em queda, isso pode justificar algumas respostas obtidas.

Neste estudo observou-se que os profissionais atuantes na instituição pesquisada sentiram-se protegidos pelos equipamentos fornecidos pelo hospital, entretanto, apesar se sentirem seguros, mais de um terço dos profissionais relataram ter um grau de medo alto a muito alto por estar atuando na linha de frente, o que pode gerar o esgotamento físico e mental destes profissionais. Muitos profissionais afirmaram se sentir um pouco pior ou muito pior no momento da pesquisa se comparado a um ano atrás, o que justifica os resultados, que mais de 60% dos participantes relataram que as vezes ou raramente se sentiram felizes depois que se iniciou a pandemia.

A pandemia da COVID-19 impôs aos profissionais da saúde diversas situações que aumentaram a vulnerabilidade destes, inclusive o estado de estresse pelas longas jornadas de trabalho, escassez dos EPIs, exigências mentais e físicas, medo do desconhecido, uso de medicações tranquilizantes, entre outras situações abordadas.

Redante e Del Mouro (2024), Estresse na Linha de Frente da COVID-19.

Como podemos perceber o adoecimento dos profissionais que atuam na área da saúde está acontecendo, o que pode gerar danos a longo prazo, sendo necessário a aplicação de estratégias que minimizem este adoecimento, bem como os agravos psicológicos que possam surgir ao longo do tempo.

É importante apontar algumas limitações da pesquisa, entre elas, a realização da pesquisa em um período pandêmico, bem como o tamanho da amostra obtida, que não permite a generalização dos resultados.

Este estudo possui caráter temporário, visto que o ambiente é muito dinâmico, desta forma fica a sugestão para a realização de futuras pesquisas em outro período para que possam ser comparados os dados e analisar as necessidades destes profissionais.

Referências

- BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel coronavírus** [Internet]. Brasília. Ministério da Saúde; 2020.
- CAMELO, S. H. H.; ANGERAMI, E. L. S. Sintomas de estresse nos trabalhadores atuantes em cinco núcleos de saúde da família. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 12, n. 1, p. 14-21, fev. 2004.
- COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração [recurso eletrônico]** / Donald R. Cooper, Pamela S. Schindler; tradução: Iuri Duquia Abreu; revisão técnica: Fátima Cristina Trindade Bacellar. – 10. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Bookman, 2011.
- DANTAS, E.S.O. Saúde mental dos profissionais de saúde no Brasil no contexto da pandemia por Covid-19. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]**. v. 25, 2021.
- FARAH, T. L.; VITAL, C. L.; MIRANDA, V M. Felicidade e bem-estar: o uso das práticas cognitivo-comportamentais e positivas para a busca do funcionamento humano ideal. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 41, n. 101, p. 229-235, dez. 2021.
- FELIX, D. B.; MACHADO, D. Q.; SOUSA, E. F. Análise dos Níveis de Estresse no Ambiente Hospitalar: Um Estudo com Profissionais da Área de Enfermagem. **Revista de Carreiras e Pessoas**, v. 7, n. 2, p. 530-543, 2017.
- GOMES, J.; SILVA, A. S.; BERGAMINI, G. B. Saúde e qualidade de vida: influência do stress no ambiente de trabalho. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente, [S. l.]**, v. 8, n. 2, p. 207–220, 2017.
- HORTA, R. L.; LUCINI, T. C. G.; LANTIN, P. J. S.; PERDONSSINI, L. DE B.; SETTE, T. G.; BITTENCOURT, M. C.; BARBOSA, M. L. L.; CAMARGO, E. G. “Pegar” ou “passar”: medos entre profissionais da linha de frente da COVID-19. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria [online]**. 2022.

Redante e Del Mouro (2024), Estresse na Linha de Frente da COVID-19.

LIMA, C. M. A. O. Informações sobre o Coronavírus (COVID-19). **Radiologia Brasileira [online]**. v. 53, n. 2, 2020.

MOREIRA, W.C.; SOUSA, A. R.; NÓBREGA, M. P. S. S. Adoecimento mental na população geral e em profissionais de saúde durante a Covid-19: SCOPING REVIEW. **Texto & Contexto - Enfermagem [online]**. v. 29, 2020.

NASCIMENTO, A. K. F.; Barbosa, Y. M. M.; Camargo, S. R. V.; Souza, T. A.; Gomes, S. M.; Galvão, M. H. R.; Medeiros, A. A.; Barbosa, I. R. Impactos da pandemia de COVID-19 sobre a saúde mental de profissionais de enfermagem. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Porto, n. 26, p. 169-186, dez. 2021.

PEREIRA, L. Z.; ZILLE, G.P. O estresse no trabalho: uma análise teórica de seus conceitos e suas inter-relações. **Gestão e Sociedade**, v. 4, n. 7, p. 414-434, 2010.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. 3 ed. **Rev. Atual**. Florianópolis: Laboratório de Ensino à Distância da UFSC, 2001.

SILVA, J. F. C. **O estresse ocupacional e suas principais causas e consequências** [monografia]. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes; 2010.

SOUSA JÚNIOR, B. S.; MENDONÇA, A. E. O.; ARAÚJO, A. C.; SANTOS, R.C.; NETO, F. A. D.; SILVA, R. A. R. Pandemia do coronavírus: estratégias amenizadoras do estresse ocupacional em trabalhadores da saúde. **Enfermagem em Foco**, v. 11, n. 1. ESP, ago. 2020.

SOUZA, D. O. A pandemia de COVID-19 para além das Ciências da Saúde: reflexões sobre sua determinação social. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**. v. 25, 2020.

VEDOVATO, T. G.; ANDRADE, C. B.; ANTOS, D. L.; BITENCOURT, S. M.; ALMEIDA, L. P.; SAMPAIO, J. F. S. Trabalhadores(as) da saúde e a COVID-19: condições de trabalho à deriva? **Rev. Bras. Saúde Ocupacional**, v. 46, e1, 2021.

VIEIRA, J.; ANIDO, I.; CALIFE, K. Mulheres profissionais da saúde e as repercussões da pandemia da Covid-19: é mais difícil para elas? **Saúde em Debate**, v. 46, n. 132, p. 47-62, 2022.

WEIDE, J. N.; VICENTINI, E. C. C.; ARAUJO, M. F.; MACHADO, W. L.; ENUMO, S. R. F. **Cartilha para enfrentamento do estresse em tempos de pandemia**. Porto Alegre: PUCRS/ Campinas: PUC-Campinas. Trabalho gráfico: Gustavo Farinero Costa, 2020.